

PADRE JOSE' MAURICIO

PASSA-SE HOJE O PRIMEIRO CENTENARIO DA MORTE DO GRANDE COMPOSITOR BRASILEIRO

Ha cem annos, na manha de 18 de Abril, fallecia na casa n. 18 da rua do Nuncio, no Rio de Janeiro, cantando o Hymno de Nossa Senhora, uma das mais genuinas glorias da musica brasileira: o padre José Mauricio Nunes Garcia.

Foi uma grande alma e um grande artista. Surgindo num meio em que tudo concorria para lhe tornar difficil, senão impossivel, a expansão de uma irrepreavel vocação, desde os preconceitos de raça até a ausencia de exemplos que lhe pudessem servir de guia, sem falar na extrema penuria de recursos com que teve que lutar durante muitos annos, o padre José Mauricio conseguiu, pelas qualidades verdadeiramente maravilhosas de sua intelligencia, pelo profundo conhecimento que adquirira da arte musical, sem nunca sahir do paiz, impor-se não só á justa admiração de quantos lhe conheceram as obras, como inscrever o seu nome na historia da musica do nosso continente, como uma de suas figuras mais singulares.

Filho do legitimo consorcio de Apollinario Nunes Garcia, natu-

1790 morre-lhe a tia querida e conquanto houvesse conquistado a maior nomeada nas melhores rodas do Rio de Janeiro, pensou então em ordenar-se padre. Tendo-lhe sido feita generosa doação pelo seu amigo o negociante Thomaz Gonçalves de uma casinha, pôde, com a constituição desse patrimonio, ser recebido diacôno, cantando missa solenne no anno de 1792 e obtendo licença para pregar em 1798. Tinha vinte e cinco annos de idade. Admittido desde 1792 nos melhores circulos da sociedade fluminense, a vastidão e profundidade dos seus conhecimentos em varias sciencias e linguas e mais ainda a mestria com que tocava organo, cravo e depois piano, grangearam-lhe larga estima. A sua primeira produção sacra para instrumental data de 1790, a que se seguiram outras de grande valor, que causavam admiração aos seus ouvintes.

De habitos modestos, empregava todas as suas economias na aquisição de vasta collecção de composições musicas de autores allemães, italianos e francezes, cada vez mais augmenta-

Neukomm comparava ao Requiem de Mozart, não conseguindo porém abrandar as iras dos inimigos de José Mauricio. Ao contrario, e apesar das concessões feitas ao gosto da época na "Missa de Requiem", continuaram as intrigas, os mexericos e as insinuações contra o valoroso padre-mestre.

Com a proclamação da independencia e consequente regimen de economias na administração publica, a vida de José Mauricio tornou-se bastante difficil. E mais ainda a de Marcos Portugal, que não acompanhara d. João VI a Lisboa. Para os dois velhos compositores, que a pobreza tornara amigos, arrastaram-se, desde então, melancolicos e pesados os dias, na phrase de um dos biographos do nosso padre-mestre.

"Hoje, dizia em certa occasião José Mauricio, em vez das grandes orchestras, que outrora me acariciavam os ouvidos, só ouço o cantar dos grillos, os meus gemidos e o ganir dos cães, que me incommodam e entristecem".

Ambos morreram no anno de 1830.

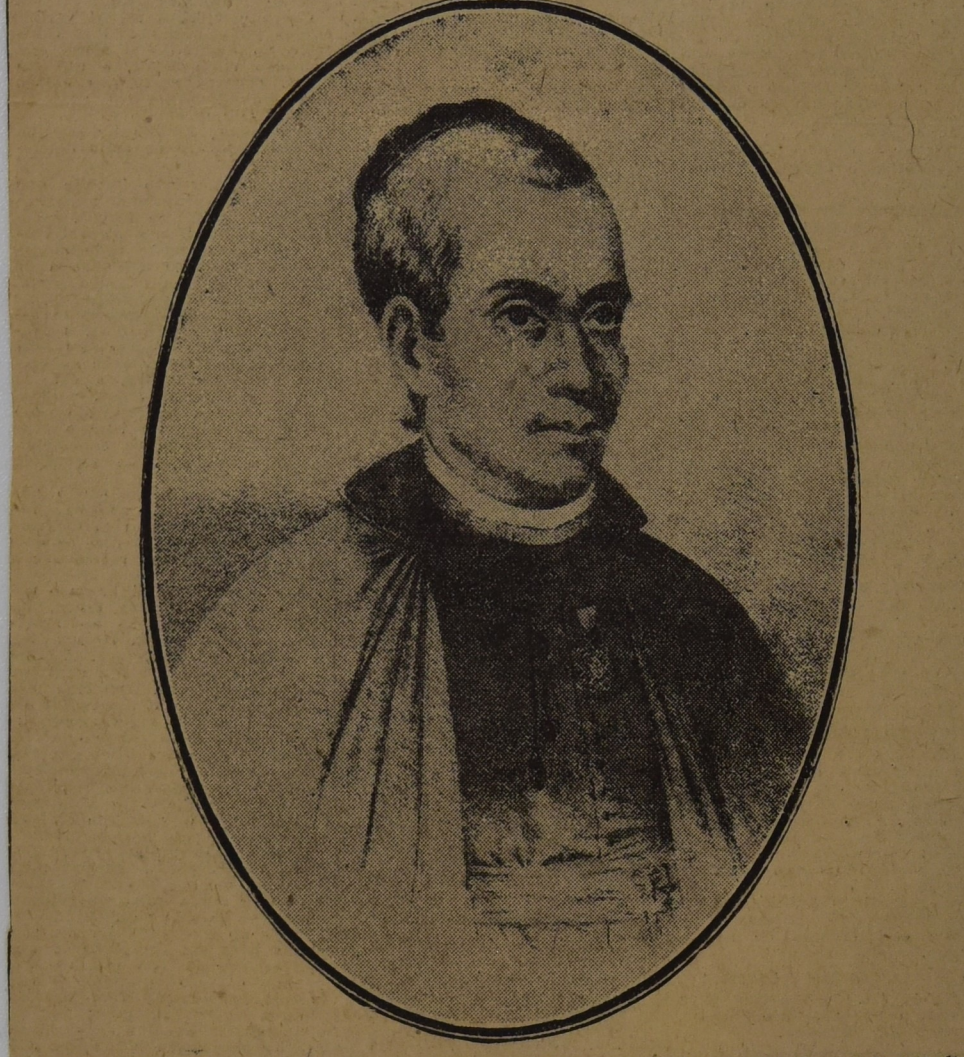
Costuma dividir-se a produção do padre José Mauricio em duas phases bem distinctas: uma que vae de 1790 a 1816, que foi o pe-

dades de Zelia e José Livramento"; "Ao bom amigo Alberto homenagem de Carvalho e Mello"; "Ao dr. Alberto Cardoso de Mello, saudades de João Alvarez e familia"; "Ao amigo e compadre saudades de Henriqueta e Oscar"; "Ao bom cunhado e tio saudade de Sinhá, Dulce e Alvaro Sevilha"; "Saudades de Djalma e Lucia"; "Ao dr. Alberto Cardoso de Mello, homenagem de Zinha e filhos"; "Ao inesquecivel Alberto saudades de Zózo, Zizi e filhos"; "Ao dr. Alberto, gratidão de seus empregados Alfredo e Miguel"; "Ao bondoso dr. Alberto Cardoso de Mello, homenagem de Alfredo Paschoal e familia"; "Ao bom cunhado, saudades de Yaya"; além de 2 "bouquets" de cravos de Olga Jampando.

VARIAS — Falleceram mais: Em São José do Barreiro, sr. João Pedro Rodrigues, 47 annos, collector municipal extinto deixa viuva a sr. Olívia Guimarães Rodrigues filhos; d. Rodrigues Teixeira, o sr. Antonio Teodoro Guimarães Rodrigues Eulina, Maria José, Luiz e Maria.

O seu entanto grande ac...

— N. municipal era o longo ni...



ral da Ilha do Governador, e de Victoria Maria do Carmo, do bispado de Mariana (Minas Geraes), ambos de cor, José Mauricio, que nasceu no Rio de Janeiro no dia 22 de Setembro de 1767 na antiga rua da Valla, hoje Uruguanayana, aos seis annos ficou orphão de pae. Para o amparo da sua meninice, ficaram-lhe a mãe e uma tia materna, "uma doce, tia embaladora de inextinguivel bondade, que teve uma grande preponderancia na sua vida. Entre essas duas mulheres analfabetas, que para assegurarem a sua subsistencia trabalhavam dia e noite em officios grosseiros, é que se foi incompreensivelmente desenvolvendo a intelligencia e o gosto do pequeno José, pardinho de olhar vivo e voz afinadissima".

Deve-se a essas duas pobres mulheres a expansão do talento do grande compositor. Embora patentesse a mais notavel inclinação pela musica, pois chegara a tocar de ouvido, sem ter a minima noção daquelle arte, violão de cordas metalleas e violão, a ponto de a todos causar admiração, pôde José Mauricio, depois de aprender numa escola regia as primeiras letras, ser matriculado, em virtude dos esforços das suas protectoras naturais, na aula de solfejo e rudimentos de harmonia do pardo Salvador José. As hções eram dadas num violão, que passava de mão em mão. Tão rapidos foram os seus progressos que é provavel que, já naquella tempo, 1783 e 1784, segundo conclua o visconde de Taunay, a arte, em que tanto se a distinguia, o ajudasse, embora escassamente, senão a viver, pelo menos a concorrer para as despesas da casa materna, pois o seu mais ardente empenho, fora sempre mostrar efficaz gratidão ás pessoas que tanto haviam feito para elle.

Joven ainda, começou a ganhar algum dinheiro tocando em bandas de musica e orchestras ou cantando ao violão chulas e modinhas. E assim lhe foi possível matricular-se na aula publica de latim do professor regio Elias, frequentando-a durante tres annos e com tal aproveitamento que, no fim desse tempo, o mestre o declarou apto até a leccionar aos condiscipulos. Conhecendo a fundo latim e continuando a dedicar-se á musica, inscreve-se na aula de philosophia racional e moral do dr. Goulart, formado na Universidade de Coimbra, e que terminando o curso propõe José Mauricio para seu substituto na cadeira regia. Recusou, porém, a nomeação, para que mais tempo e liberdade tivesse para occorrer aos encargos da familia. Em

da, causando em 1816 a maior surpresa a Sigismundo Neukomm, o discipulo predilecto de Haydn, que viera ao Rio no sequito de d. João VI.

Desse contacto com as obras dos maiores compositores do seu tempo, o talento de José Mauricio sentiu-se naturalmente atrahido pelas produções de Haendel, Haydn, S. Bach, Mozart e Beethoven.

Nomeado mestre de capella e organista da antiga Cathedral e Sê, com o ordenado annual de 60000, ao mesmo tempo que privava com o illustrado bispo d. José da Silva Coutinho, não descuidava de desenvolver o gosto pela musica entre a população, quer dando aulas particulares de violão, cravo e espineta, quer continuando a manter uma aula gratuita, em que leccionou com a maior dedicação durante 38 annos.

Com a chegada do principe regente d. João e da corte portugueza ao Rio de Janeiro, em 1808, a vida do padre José Mauricio não devia soffrer sensivel alteração. Rodeado desde logo pelo favor do principe, que lhe dava as mais evidentes provas de apreço, não demoraram em manifestar-se as invejas e odios perniciosos dos musicos vindos de Portugal em companhia da corte. As condições de existencia do musico brasileiro tambem não melhoraram muito, pois, asoberbado de trabalho, lutava quasi com a miseria. Melhorou, no entanto, um pouco a sua situação o facto de ter sido agraciado com o habito de Christo em 1810, com a respectiva tença, e mais a mensalidade de 32000.

Mas a chegada de Marcos Portugal ao Rio em 1811, cujo nome se achava então no apogeu na Europa, trouxe maiores dissabores ao nosso musico. A infatuação do compositor portuguez não conseguiu, no entanto, convencer o principe regente, que se inclinava de continuo para José Mauricio. Com effeito, ao morrer sua mãe, d. Maria I, aos 29 de Marco de 1816, a José Mauricio encomendou a solenne missa das exequias. Nesse mesmo dia, fallecia no Rio de Janeiro a progenitora de José Mauricio.

Facil é imaginar-se com que emoção, com que carinho José Mauricio se poz ao trabalho, em honra do coração a sangrar pela grande perda que soffrera. E o maestro brasileiro compoz uma verdadeira obra prima, a "Missa de Requiem", que ainda hoje é, infelizmente, a unica produção impressa de José Mauricio, das quatrocentas e tantas composições de sua autoria, apesar da intensa campanha feita pelo visconde de Taunay na Camara, na imprensa diaria a favor da publicação dessas obras.

A "Missa de Requiem", que

riodo de mais intensa fertilidade e toda ella oriunda da escola germanica, e outra, de 1817 a 1830, em cujas composições predominou a influencia italiana.

Sobem a mais de duzentas as composições musicas escriptas para a capella real até 6 de Setembro de 1811. Segundo uma relação publicada por Sacramento Blake, no "Diccionario bibliographico brasileiro" e organizada pelo sr. Joaquim José Maciel, o numero de obras existentes na referida capella era, em 1833, de 241. A essas ha que accrescentar-se as "composições que faziam parte da collecção "Gabriella Alves de Souza" que deveriam estar no archivo do Instituto Nacional de Musica, ao qual foram doadas pelo visconde de Taunay, achando-se a sua relação publicada na edição da "Missa de Requiem", revista pelo maestro Alberto Nepomuceno.

Consta essa collecção de 112 obras. Além dessas, escreveu o padre José Mauricio uma opera "Le due gemelle", para o Real Theatro de São João. Ha duvidas se foi ou não representado esse drama lyrico, sabendo-se porém que a partitura original esteve em poder do compositor Marcos Portugal e foi vendida, depois da sua morte, com os demais papeis do musico, para emburulhos. Ha ainda "Dose divertimentos", compostos por José Mauricio, por occasião da vinda ao Brasil da princeza d. Leopoldina, ignorando-se o seu paradeiro, assim como da grande missa de Santa Cecilia, que deveria encontrar-se no Instituto Historico Brasileiro, ao qual foi offerecida pelo filho do maestro, o dr. José Mauricio Nunes Garcia, que foi lente da Faculdade de Medicina do Rio.

Tambem desconhecido é o paradeiro da "Missa da degollação de São João Baptista" e de um "Compendio de Musica" e um "Tratado de contraponto".

Cem annos apenas decorreram da morte do padre José Mauricio e não fora o patriotismo do visconde de Taunay, a quem se deve a melhor biographia do grande padre-mestre e a campanha mais decidida a favor da publicação de suas obras, bem poucas seriam as que conservariam na sua memoria o nome do grande compositor patriótico. E' necessario, no entanto, que se proceda á publicação dessas obras, entre as quaes não poucos hão de ser os trabalhos capazes de figurar ao lado dos grandes mestres da musica de todos os tempos.

Imprescindivel, patriótico mesmo, é tambem que as novas gerações, a exemplo do que ocorre em varios paizes europeus, se dediquem ao estudo das obras do padre José Mauricio, realisando revisões e reconstituições que affirmem a grandeza do nosso passado musical. Será essa a maior e a melhor homenagem a prestar-se a um dos mais vigorosos precursores da musica sacra no Brasil, como foi o padre José Mauricio.

FALLECIMENTOS

DR. ALBERTO CARDOSO DE MELLO — Falleceu, hontem, ás 3,30 horas, o dr. Alberto Cardoso de Mello, conceituado advogado do foro desta capital e membro de tradicional familia paulista.

O extinto, que contava 59 annos, era filho do dr. José Joaquim Cardoso de Mello e de d. Emilia G. Cardoso de Mello. Era irmão do dr. J. J. Cardoso de Mello Junior, ministro Jesuino Ubaldino Cardoso de Mello e d. Leonor Cardoso de Mello e dos fallecidos dr. Joaquim Alberto Cardoso de Mello, dr. Raul Renato Cardoso de Mello e d. Rita Cardoso de Mello Tucunduva. Era tio, entre outros, dos dres. J. J. Cardoso de Mello Neto, Antonio Pinto Cardoso de Mello, Mario Barreto Cardoso de Mello, João de Deus Cardoso de Mello, José Rodrigues Tucunduva, Raul Renato Cardoso de Mello Tucunduva e Raul Renato Cardoso de Mello Filho, advogados.

Era cunhado, entre outros, do professor Solano de Abreu, do dr. Jesuino de Abreu, promotor publico de Casa Branca e de d. Astrogilda Sevilha, viuva do dr. Alvaro Martins Sevilha. Era casado com d. Maria Antonieta de Abreu Cardoso de Mello e deixa os seguintes filhos: dr. Alberto Cardoso de Mello Filho, advogado; José Pedro, Francisco de Salles, Geraldo de Magella, academico de direito, Expedito Armando, Maria Trindade Cardoso de Mello de Alvares Otero, casada com o dr. José Alvaro de Alvares Otero, advogado, e Maria Aparecida.

O enterramento realisou-se hontem ás 17 horas, sahindo o feretro da rua José Manuel n. 2, para o cemiterio da Consolação.

Compareceram ao enterro, as seguintes pessoas: Alvaro de Mello Filho, José Eduardo de Souza Campos por si e pelo Partido Democratico das Perdizes; Nelson de Souza Campos por si e pelo dr. José Carlos de Macedo Soares; Geraldo Brito de Macedo, Byrom Abreu Freire, Paulo Cardoso de Mello, Armilla de Sá Vasconcellos, Yaya de Abreu, dr. Jesuino de Abreu, Heleio de Abreu, Benedicto Freire, Carlos Crisci, João E. de Souza Campos por si e por Ernesto de Souza Campos; Francisco Elias Pilar de Mattos, Cid Pinto Cesar, dr. Levy de Azevedo Sodré, dr. Antonio de Souza Campos Junior, Antonio Feury Camargo, Sylvio de Oliveira Lima, Benedicto Mendes, Benedicto Mendes Filho, dr. Oscar Thompson e sra.; d. Zinha Brito de Macedo, dr. Raphael Sampaio, dr. Vicente Anconina, dr. Benjamin Reis, José de Abreu Prado por si e por Rezende Prado e familia; M. Nazareth de Lima Abreu, Luiz Nazareth, José Naclerio, Baby Naclerio, Carlos Torres e sra.; John V. Craig por si e Viuva Craig & Cia. Ltd.; Jayme Craig por si e pelo sr. Luiz Manfro; dr. José Livramento e sra.; dr. Macedo Forjaz morte Feury de Oliveira, dr. Djalma Forjaz, Octavio Uchôa da Veiga, Sylvio Bueno Vidgal, Lucia de Vergueiro Forjaz, dr. José Pinto Cesar e familia; Fernando Jorge Mendes por si e familia; Benedicto Silva Mendes, dr. Ranulpho Queiroz Guimarães, senhorita Helena de Abreu, senhorita Dulce Sevilha, d. Astrogilda Sevilha, Alvaro Sevilha Filho, d. Lavinia Junqueira, d. Dulce B. de Almeida, Maercio Munhoz e sra.; Luiz Alberto Mu-

nhoz, M. Rosa Gomes de Abreu, Lylá Forjaz, dr. Raul Tucunduva e sra.; José T. de Carvalho Mello, José C. Mello Filho, Armillo, Cybelle e Tolstoi Carvalho e Mello; Octavio Lobo por si e familia; Rosa de Abreu Freire, d. Maria de Abreu Freire, d. Sophia Craig, d. Mercedes Mendonça, d. Surta Lygia Mendonça, d. Zuleika Almeida, Saulo Lobo Moraes, Odair Lobo, por si e pela familia Augusto Lobo; Alfredo Motta, dr. Braillo Mendonça e senhora, Miguel Ribeiro.

Sobre o feretro viam-se as seguintes coraões:

"Ao meu Bebê adorador todo o amor de sua Mariquinha"; "Ao nosso amantissimo Papae, os corações dilacerados de Trindade e Alvaro"; "Xará nunca esquecerá o bom e querido papae"; "Papaezinho — você viverá sempre no coração do Geraldo"; "Ao meu melgo e carinhooso papae, lagrimas saudosas do José"; "Ao meu inesquecivel e santo papae, lagrimas de Apparecida"; "Ao saudoso papae e vovô, ultimos adeus de Francisco e Lourdes"; "Ao papae querido, emmorredoura saudade do Armando"; "Ao querido vovô e padrinho, carcosos beijos de Nair Cecilia"; "A meu querido vózinho, mil beijos de Lulu"; "Saudades de Juca, Lydia e Nazareth"; "Saudades de Leonor"; "Saudades de Jesuino e filhos"; "Ao Alberto, saudades de sua sogra"; "Saudades de Maria e Antoninho"; "Saudades de Ismania e Adelaide"; "Saudades de Moça e Antonio"; "Saudades de Adelaide e João"; "Saudades de Dulce e Maercio"; "Saudades de Celina e Caruza"; "Ao tio Alberto, saudades de Lourdes, Raul e filhos"; "Ao Alberto Cardoso de Mello, sau-

O Estado
18 - IV - 1930